

Educação de Jovens e Adultos

HISTÓRIA

A alcance EJA

Anos Finais do Ensino Fundamental

Andréa Lobo

Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Linguagem, Imagem e Ensino pela UFPR. Mestre em História pela UFPR e doutoranda em História pela mesma instituição. Professora de História – Ensinos Fundamental e Médio, rede pública e particular. Professora universitária. Autora de livros didáticos de História e Filosofia para o Ensino Fundamental, Médio e EAD.

Ilustrações

Raqsonu
DKO Estúdio

1ª edição
Curitiba – 2013

 EDITORA
POSITIVO

L799 Lobo, Andréa.
Educação de Jovens e Adultos : Alcance EJA : história :
anos finais do Ensino Fundamental / Andréa Lobo ; ilustrações
Raqsonu, DKO Estúdio. – Curitiba : Positivo, 2013.
: il. (Alcance EJA)

ISBN 978-85-385-6608-3 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-6609-0 (Manual do educador)

1. Educação de jovens e adultos – Currículos. 2. Ensino
fundamental. 3. História. I. Raqsonu. II. DKO Estúdio. III. Título.

CDU 374.7

ALCANCE EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- © Texto: Andréa Carneiro Lobo, 2012
© Ilustrações: Raqsonu; DKO Estúdio, 2012
© Capa: YAN Comunicação. Imagem: Wavebreakmedia, 2013
© Projeto gráfico: Conexão Editorial, 2010
© Cartografia: Luciano Daniel Tulio e Talita Kathy Bora, 2012

Direitos de publicação
© 2012 Editora Positivo Ltda.

Diretor-Superintendente	Ruben Formighieri
Diretor-Geral	Emerson Walter dos Santos
Diretor Comercial	Stela Mars Manfrin de Oliveira Macohin
Diretor Editorial	Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial	Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Arte e Iconografia	Cláudio Espósito Godoy
Coordenação Editorial	Jeferson Freitas
Edição de conteúdo	Natália Bellos
Edição	Maria Helena Ribas Benedet
Supervisão de Arte	Karina Hollanda
Edição de Arte	Marilu Cortadello
Analista de Arte	Juliana Ferreira Rodrigues
Editoração	Arowak Comunicação
Revisão	Ana Luzia Sequeira Lemos Valquiria T. Molinari
Pesquisa Iconográfica	Mariana Honorato



Todos os direitos reservados à
Editora Positivo Ltda.
R. Major Heitor Guimarães, 174
80440-120 – Curitiba – PR
Site: www.editorapositivo.com.br

Impressão e acabamento:
Gráfica Posigraf S. A.
R. Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
E-mail: posigraf@positivo.com.br

Impresso no Brasil
1 2 3 4 5 6 7 8 9 11 12

2013

 **EDITORA
POSITIVO**

Apresentação

Prezado educando

A existência humana tem sido caracterizada, desde os seus primórdios, por um constante espantar-se diante das coisas. E essa nossa capacidade de nos mantermos atentos e assustados, e, por que não dizer, maravilhados e confusos, é o que nos tem motivado, há milhares de anos, ao conhecimento.

O conhecimento é o desafio ao qual somos lançados todos os dias. Gostamos de aprender, precisamos aprender. Só sobrevivemos porque aprendemos: a andar em pé, a manter o fogo, a fabricar a roda, a cultivar o alimento, a acionar as máquinas, a conviver em sociedade...

Todos os dias, você aprende algo novo. Em seu ambiente de estudo ou de trabalho, com os seus amigos, na rua, com sua família, assistindo à televisão ou navegando pela internet.

No entanto, o acúmulo de informações, característico do nosso tempo, não esgota o sentido do conhecimento. Conhecer pressupõe não apenas acumular informações, mas selecioná-las, debatê-las, refletir sobre elas e, principalmente, criar, com base nesse processo, posicionamentos, conceitos, visões de mundo.

Foi pensando nisso que este livro foi organizado. Por meio dele, você poderá se deparar com os desafios, as descobertas, as conquistas, os conflitos e as experiências de seres humanos que viveram no passado. Os textos, imagens, mapas e atividades foram organizados de modo a desafiar você a prestar mais atenção em aspectos que dizem respeito à conformação da sociedade brasileira, atualmente, problematizando a origem desse estado de coisas, no passado.

A todo momento, você irá se deparar com questões às quais terá que se posicionar, seja por meio de reflexão individual, seja pela troca de ideias com outras pessoas. Aqui, você será convidado não somente a adquirir informações, mas a refletir sobre elas, produzir conhecimento e rever posicionamentos com base nos conhecimentos construídos. Por isso, são propostos momentos – individuais e coletivos – em que você poderá expressar, manifestar o modo como está compreendendo os conteúdos, por meio de diferentes linguagens.

E então, está preparado? Disposto a se aventurar rumo a uma nova percepção do presente após a investigação do passado?

Na próxima página, terá início o tempo de seu contato com este livro. Espero que ele seja prazeroso, proveitoso, instigante e importante em sua vida, pois foi pensando em você que ele foi criado.

A autora

•• UNIDADE 1 – Introdução à História

CAPÍTULO 1 – Tempo e temporalidade	8
A percepção sobre o tempo	9
CAPÍTULO 2 – Tempo e História	13
As sociedades em busca de suas origens	16
As sociedades organizam suas formas de contar o tempo	20
CAPÍTULO 3 – O tempo histórico: dividir para compreender	23
Os marcos da História Ocidental	24

•• UNIDADE 2 – Cultura, diversidade e identidade nacional

CAPÍTULO 4 – Brasil: a diversidade como fator de identidade nacional	26
O que é cultura?	26
A constituição da população brasileira	27
CAPÍTULO 5 – Os indígenas no Brasil	31
O que é ser indígena no Brasil?	31
A diversidade de línguas indígenas	34
CAPÍTULO 6 – África no Brasil: diversidade na adversidade	38
A influência banto	39
A influência iorubá	40

•• UNIDADE 3 – As viagens de descobertas e a expansão dos domínios portugueses

CAPÍTULO 7 – O contexto político e econômico dos Estados europeus	46
Os Estados Nacionais	47
CAPÍTULO 8 – Por mares nunca antes navegados	49
Os portugueses saíram na frente	52
O expansionismo português na África	53
CAPÍTULO 9 – Contatos entre portugueses e angolanos	57
Os primeiros tempos da aproximação portuguesa	58
O tráfico atlântico	60
A escravidão na África antes e depois do tráfico atlântico	61

CAPÍTULO 18 – O Segundo Reinado e a afirmação do Estado Nacional 133

A configuração política	133
As mudanças econômicas	135
As transformações sociais durante o Brasil Império	138
O movimento e as leis abolicionistas	141
A chegada dos imigrantes europeus	144

•• UNIDADE 6 – A República e as mobilizações sociais

CAPÍTULO 19 – Da crise da Monarquia à instituição da República 150

O movimento republicano	150
-------------------------------	-----

CAPÍTULO 20 – A República do Café com Leite e os movimentos no campo e na cidade 155

Os movimentos sociais rurais	156
Os movimentos urbanos	161

CAPÍTULO 21 – Da Era Vargas à Ditadura Militar 170

A Revolução Constitucionalista	170
A Constituição de 1934 e as conquistas sociais	172
O Golpe de 1937 e o Estado Novo	172
O governo Dutra: planificação econômica e contradição política	174
O segundo mandato de Vargas e as tensões sociais	175
Os governos populistas	178
O Brasil entre 1955 e 1964	180
O Golpe Militar de 1964	184

CAPÍTULO 22 – A Ditadura Militar: opressão X resistência 185

Os primeiros tempos: da Ala Branda ao AI-5	185
Médici: "milagre econômico" e pesadelo político	188
Geisel: abertura lenta e gradual, mas ainda uma ditadura	190
De Geisel a Figueiredo	193
O movimento pelas eleições diretas para Presidência	195

CAPÍTULO 23 – A redemocratização 198

A inflação e o Plano Cruzado	198
O Brasil no contexto do neoliberalismo	201
Fernando Collor e o <i>impeachment</i>	202
A era FHC	203
O governo Lula	204

Referências 206

•• UNIDADE 4 – Brasil: terra, trabalho e poder (1500-1750)

CAPÍTULO 10 – Os primeiros tempos: a ocupação do território 64

A exploração do pau-brasil	65
As feitorias e as expedições guarda-costas	68

CAPÍTULO 11 – A colonização: da divisão e exploração da terra à administração colonial 69

O sistema de administração por capitanias	69
Centralizando a administração: o Governo-Geral	72

CAPÍTULO 12 – A empresa canavieira e a colonização 75

O Pacto Colonial e o <i>plantation</i>	75
A empresa canavieira	78

CAPÍTULO 13 – A sociedade colonial 83

A escravidão indígena	84
A resistência indígena à escravidão	86
A escravidão africana	88
A resistência africana à escravidão	90
A vida em uma cidade colonial	94

CAPÍTULO 14 – A exploração do ouro: consequências para o Brasil e para Portugal .. 97

A descoberta do ouro e a formação das Minas Gerais	97
O ouro: dinamização econômica e diversificação social	101
A importância do ouro brasileiro para Portugal	104

•• UNIDADE 5 – O Império e a formação do Estado Nacional

CAPÍTULO 15 – As revoltas separatistas do século XVIII 110

A Conjuração Mineira	111
A Conjuração Baiana ou a Revolta dos Alfaiates	113
A Revolução Pernambucana	115

CAPÍTULO 16 – Da vinda da Corte portuguesa ao fim do domínio colonial 117

Napoleão Bonaparte e a relação com a Família Real portuguesa	117
O Rio de Janeiro na época da chegada de D. João	119

CAPÍTULO 17 – O Império e a construção do Estado Nacional 122

A Constituição de 1824	122
As revoltas no Primeiro Reinado	125
A crise sucessória do trono português e as revoltas do Período Regencial	127

CAPÍTULO 18 – O Segundo Reinado e a afirmação do Estado Nacional	133
A configuração política	133
As mudanças econômicas	135
As transformações sociais durante o Brasil Império	138
O movimento e as leis abolicionistas	141
A chegada dos imigrantes europeus	144
•• UNIDADE 6 – A República e as mobilizações sociais	
CAPÍTULO 19 – Da crise da Monarquia à instituição da República	150
O movimento republicano	150
CAPÍTULO 20 – A República do Café com Leite e os movimentos no campo e na cidade	155
Os movimentos sociais rurais	156
Os movimentos urbanos	161
CAPÍTULO 21 – Da Era Vargas à Ditadura Militar	170
A Revolução Constitucionalista	170
A Constituição de 1934 e as conquistas sociais	172
O Golpe de 1937 e o Estado Novo	172
O governo Dutra: planificação econômica e contradição política	174
O segundo mandato de Vargas e as tensões sociais	175
Os governos populistas	178
O Brasil entre 1955 e 1964	180
O Golpe Militar de 1964	184
CAPÍTULO 22 – A Ditadura Militar: opressão X resistência	185
Os primeiros tempos: da Ala Branda ao AI-5	185
Médici: “milagre econômico” e pesadelo político	188
Geisel: abertura lenta e gradual, mas ainda uma ditadura	190
De Geisel a Figueiredo	193
O movimento pelas eleições diretas para Presidência	195
CAPÍTULO 23 – A redemocratização	198
A inflação e o Plano Cruzado	198
O Brasil no contexto do neoliberalismo	201
Fernando Collor e o <i>impeachment</i>	202
A era FHC	203
O governo Lula	204
Referências	206

Introdução à História

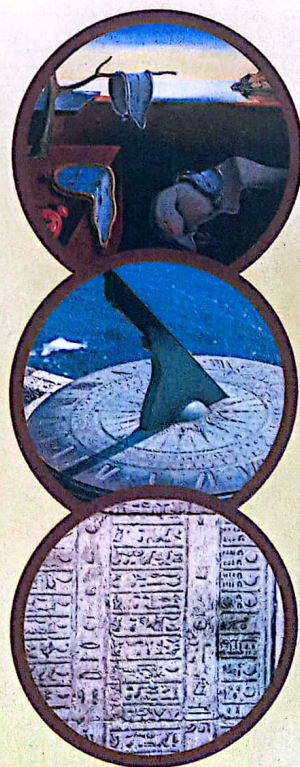


Fotos: ©Wikimedia Commons/ SEWilco ; ©Shutterstock/ Vadim Petrakov ; ©Glowimages/ Corbis

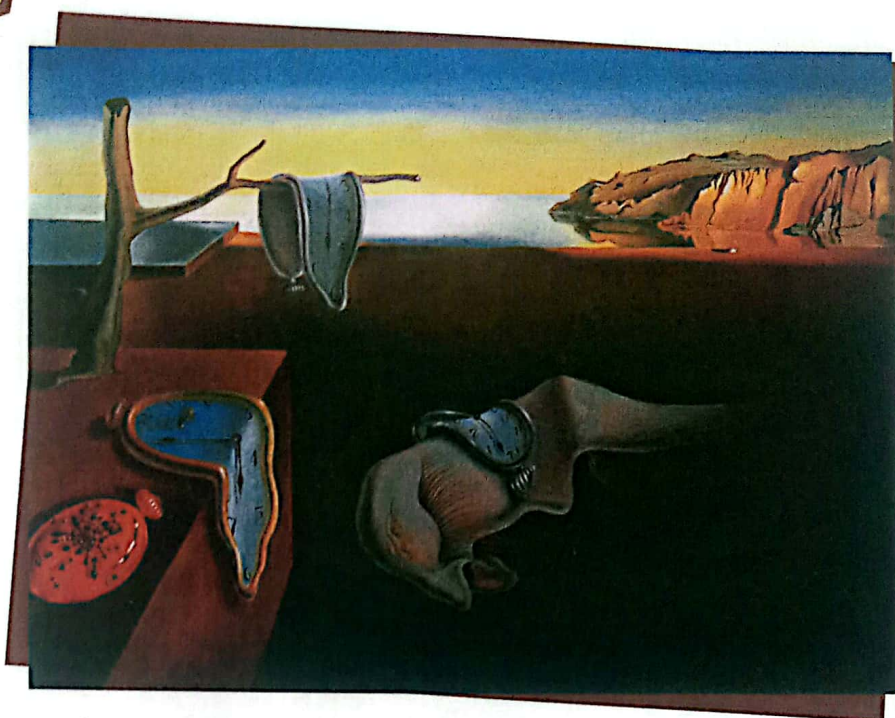
Nesta unidade, você será convidado a pensar sobre o tempo, sobre a definição de História, e a perceber a sua história de vida. Essa história, assim como a de outras sociedades que viveram em outros tempos e espaços, pode ser estudada pelos historiadores. Como? Pelos vestígios deixados por elas. É estudando esses vestígios que os historiadores conseguem construir interpretações sobre o passado.

As relações entre o tempo, a história vivida e o estudo da História serão objetos de estudo a partir de agora. Você perceberá que a realidade não está pronta e acabada, mas construída contínua e historicamente pelos diferentes grupos sociais.

Por isso, antes de iniciar esse estudo, que tal parar um pouco e pensar sobre o que é o tempo? Como você percebe sua existência? Como ele é dividido? Será que ele é percebido da mesma forma em sociedades de diferentes épocas e espaços?



TEMPO E TEMPORALIDADE



Museu de Arte Moderna de Nova Iorque

DALÍ, Salvador. **A persistência da memória**. 1931. 1 óleo sobre tela, color., 24 cm x 33 cm.
Museu de Arte Moderna, Nova Iorque.

Você já viu a obra acima? Esse quadro do pintor espanhol Salvador Dalí chama-se *A persistência da memória*. Tempo, memória e história são conceitos que estão intimamente ligados, como você vai ver nesta unidade.

REFLETIR E DEBATER

1. Com suas palavras, explique o que é o tempo.

2. Qual a relação entre o nome do quadro de Salvador Dalí e a imagem ali representada?

3. Você já deve ter observado que as pessoas utilizam vários instrumentos e estratégias para contar e marcar a passagem e a existência do tempo. Pesquise e responda: Quais instrumentos e estratégias são utilizados para medir intervalos mais longos de tempo? Quais são utilizados para medir intervalos mais curtos?

4. Podemos dispensar o uso dos instrumentos que contam o tempo? Por quê? Justifique sua resposta.

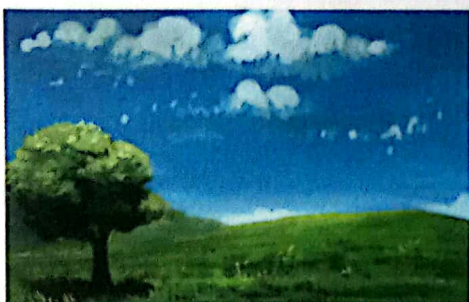
•• A percepção sobre o tempo

A existência do tempo pode ser percebida não só por meio dos instrumentos que você citou. A ocorrência de fenômenos, ou seja, acontecimentos que ocorrem segundo um ritmo determinado, e sua observação, também mostram a existência do tempo.

Há fenômenos que se repetem segundo um ritmo determinado, numa espécie de ciclo. Esse é o caso do fenômeno da alternância entre o dia e a noite, por exemplo.

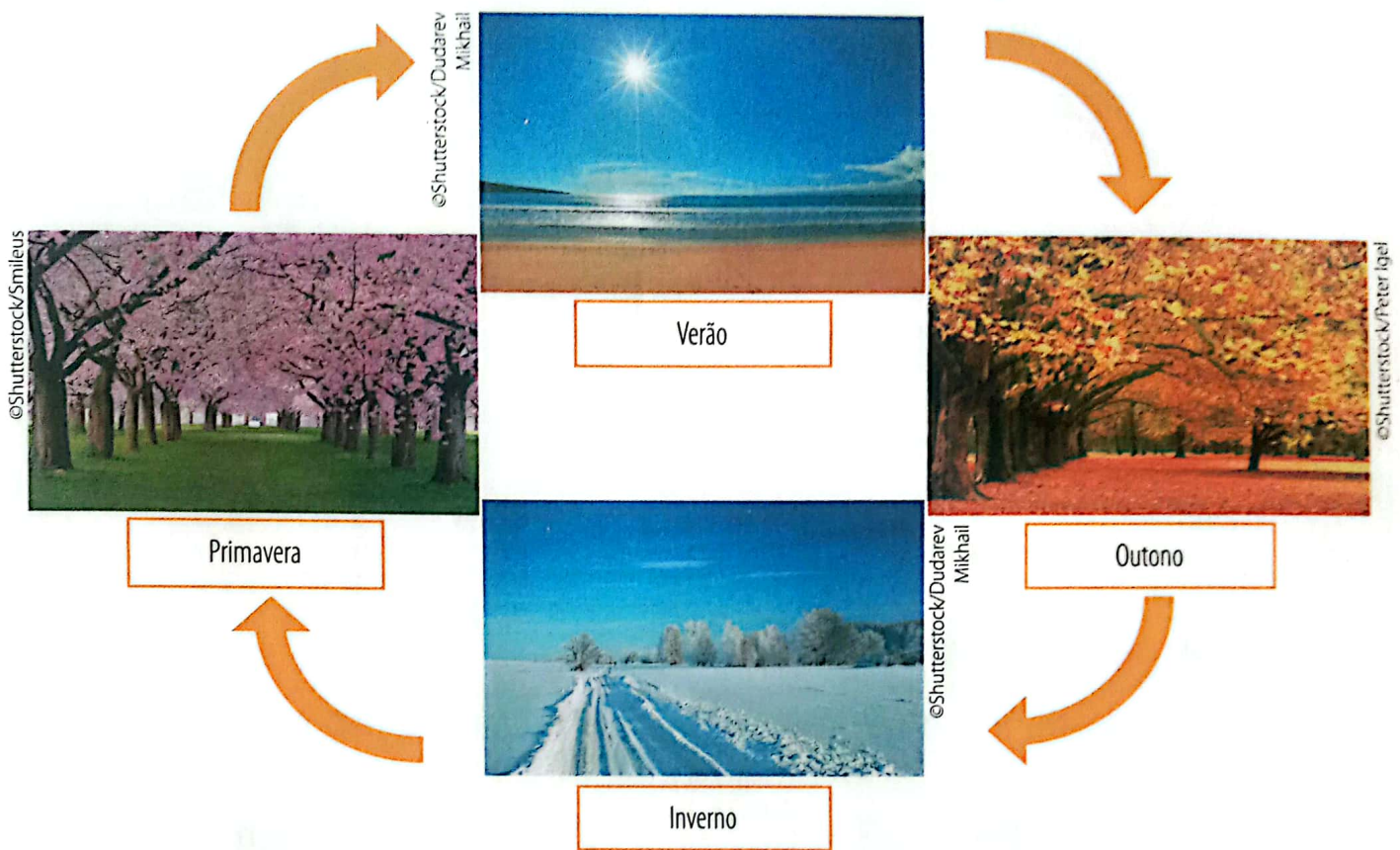


Reysonu, 2013. Digital.



Dividir o período de um dia em manhã, tarde e noite é uma forma de se organizar no tempo

Da mesma maneira ocorre com as estações do ano: em algumas regiões do Brasil, como no Sul e no Sudeste, é percebida a variação de quatro estações ao longo de um ano. Assim, depois da primavera vem o verão, que é seguido do outono e este, do inverno. Quando um inverno termina, a primavera começa.



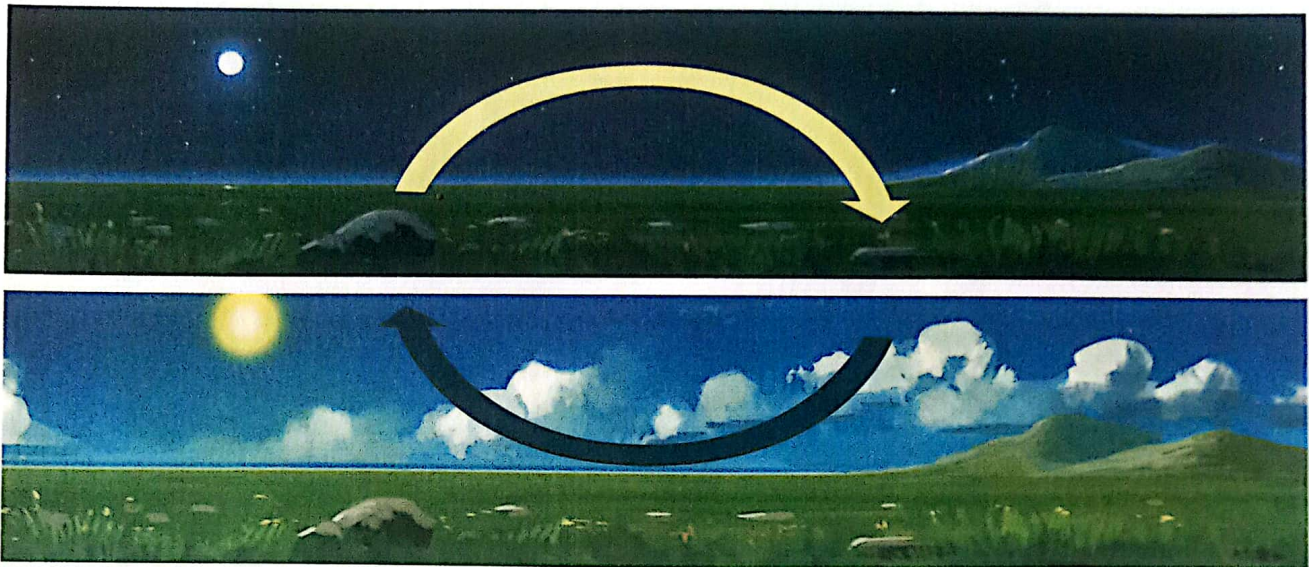
A alternância entre quatro estações em determinadas regiões do Brasil é cíclica e nos ajuda a perceber a passagem de um tempo mais longo: o ano

Em outras regiões, próximas à Linha do Equador, como no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste, há a alternância de duas estações: a estação da seca (em que há estiagem) e a das chuvas.



A alternância de duas estações ao longo de um ano (a estação das chuvas e a estação da seca) ocorre porque nessas regiões os raios solares apresentam menores inclinações e há menor variação climática

Dias e noites, assim como a sucessão das estações, são fenômenos que se expressam por meio de movimentos cíclicos, isto é, que partem de um ponto e a ele retornam. O tempo em que ocorrem tais fenômenos é chamado de cíclico, ou seja, um tempo que "vai e volta", como mostra a imagem a seguir.



O movimento de alternância entre o dia e a noite é um exemplo de tempo cíclico

Sua rotina também é marcada pelo tempo cíclico, pois há uma repetição de afazeres e atividades realizados dia após dia. Mas é possível dizer que está presente em seu cotidiano uma outra percepção de tempo, pois enquanto há a noção de continuidade da rotina, existem fenômenos que acontecem para nunca mais se repetir. É o caso do tempo do nosso corpo: depois que o indivíduo se torna adulto, não há como voltar a ser bebê. Esse tempo é chamado de linear.



As fases da vida de uma pessoa são um exemplo de tempo linear

Pode-se dizer, então, que o tempo se relaciona à duração dos fenômenos. Porém, nem sempre essa duração é percebida da mesma forma por todos. A essas diferentes formas de se perceber, compreender, conceber e conceituar o tempo dá-se o nome de temporalidade.

Por isso, numa mesma época, podem existir temporalidades diferentes. Isso porque as sociedades têm formas diferentes de compreender e se situar no tempo. Enquanto em uma sociedade o tempo é percebido de forma linear, noutra ele pode ser percebido de forma cíclica.

REFLETIR E DEBATER

1. Além do fenômeno das estações do ano, que outros exemplos de tempo cíclico você conhece?

2. Em que fase da vida você está atualmente?

3. Você se lembra de acontecimentos relacionados a outras fases da sua vida? Quais?

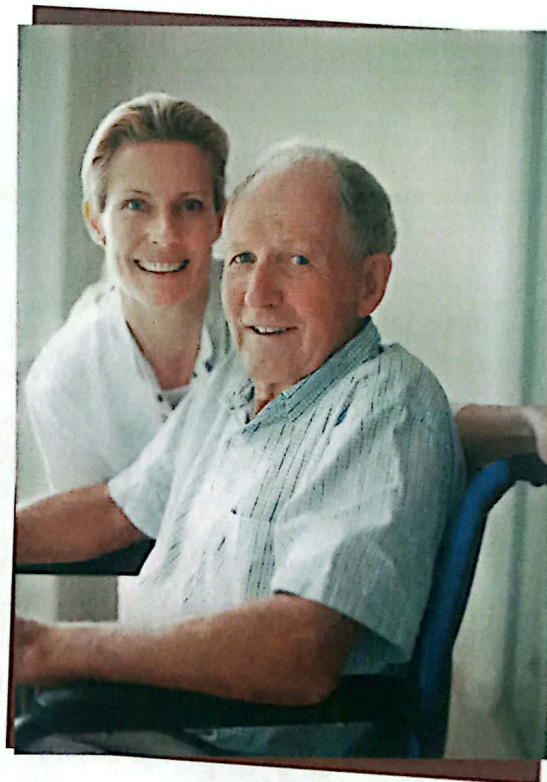
TEMPO E HISTÓRIA

O tempo de sua vida pode ser percebido de forma linear. Ele compreende a trajetória da sua existência, desde o nascimento até a morte. A história de vida de uma pessoa corresponde ao tempo da sua trajetória, em uma época, em uma sociedade e em um espaço determinados.



©Shutterstock/Levranii

A história de cada pessoa é marcada pela época e pelo espaço em que ela vive e pela sociedade à qual pertence



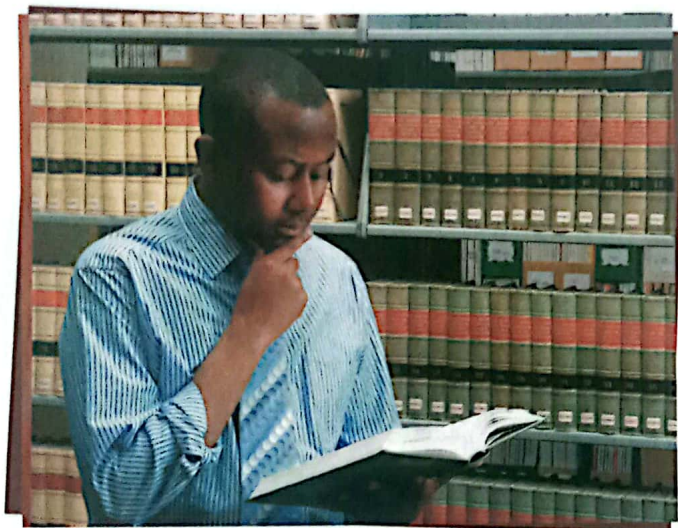
©Shutterstock/Yuri Arcius

TEXTO E VIVÊNCIA

Para compreender melhor a ideia de tempo linear, pesquise objetos e documentos que fazem parte da sua história pessoal, relacionados a diferentes fases da sua vida: infância, adolescência, juventude e como pessoa adulta. Podem ser fotos, documentos escritos (como certidões, cadernos), roupas e objetos.

Escolha uma ou duas fontes representativas de cada fase. Reproduza os objetos e os documentos escolhidos por meio de fotocópias ou desenhos em um cartaz e, junto a elas, elabore uma legenda, descrevendo-as e mencionando a que período da sua vida estão relacionadas. Lembre-se de contextualizar os fatos escolhidos: em qual cidade nasceu, em que ano ou com que idade foi para a escola pela primeira vez, a data do primeiro emprego, entre outros. Terminada

a atividade, destaque nas linhas disponíveis as mudanças mais marcantes da sua vida. Anote também os eventos ou as situações que se mantiveram iguais. Ao final, compartilhe suas impressões com seus colegas.



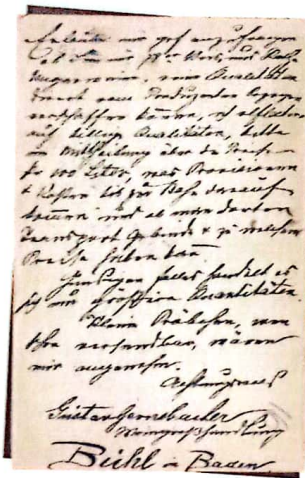
©Glowimages/Alamy/J.R. Bale

Os historiadores estudam e formulam interpretações sobre o passado das sociedades investigando os vestígios por elas deixados

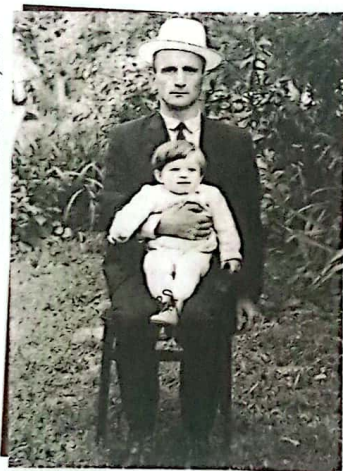
A história das sociedades também pode ser estudada. A **História** é uma ciência que pesquisa e investiga a trajetória das sociedades humanas no tempo. Essa investigação é feita por pesquisadores e estudiosos, os historiadores.

É possível traçar um paralelo entre a atividade que você realizou sobre sua vida e o trabalho de um historiador, afinal, você deve ter pesquisado objetos, fotos, documentos e recorrido a lembranças, memórias e testemunhos de outras pessoas que acompanharam fases importantes de sua vida para contar sua trajetória. Os historiadores também lançam mão de vestígios deixados pelas sociedades e pelas pessoas que nelas viveram para investigar o passado. Esses recursos ou vestígios são chamados de fontes históricas.

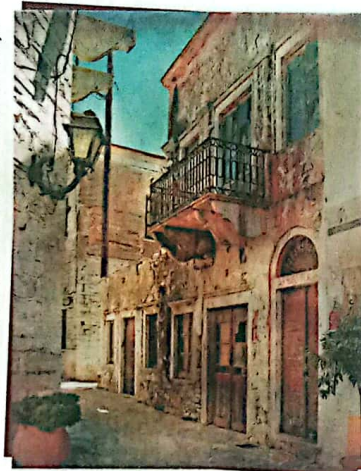
Tanto vestígios materiais (construções, textos, utensílios, obras de arte, entre outros) quanto vestígios imateriais (tradições, línguas, costumes, práticas) constituem fontes históricas.



©Shutterstock/Arkady Mazo



©Shutterstock/Gerashchenko Kostiantyn



©Shutterstock/leoks

Tanto vestígios materiais quanto imateriais deixados pelas sociedades ao longo do tempo constituem fonte para os historiadores, pois são registros da forma como os grupos humanos viviam

PENSAR E PRODUZIR

1. Cite exemplos de fontes materiais.

2. Cite exemplos de fontes imateriais.

3. Volte ao exercício sobre sua trajetória de vida e escreva, abaixo, as fontes históricas utilizadas para a realização dessa atividade, classificando-as em materiais ou imateriais.

4. Cite exemplos de fontes materiais e imateriais referentes à região onde você mora.

• As sociedades em busca de suas origens

As sociedades se transformam ao longo do tempo e deixam marcas que permitem entender como se deu essa transformação. Essas mudanças podem ser observadas, como você já viu, por meio de fontes que permitem ao historiador construir e formular hipóteses e interpretações sobre o passado.

Porém, não é apenas o historiador que busca entender e atribuir significado aos eventos e fatos transcorridos. Os próprios membros das sociedades, do passado ou do presente, também buscam explicar a origem de suas comunidades. A tentativa de criar explicações para situar sua origem no tempo se manifesta por meio de narrativas que explicam como determinado grupo humano surgiu e se desenvolveu; e também como surgiu o mundo, as pessoas, os fenômenos da natureza. As narrativas que procuram explicar a origem das sociedades (situando-a num passado remoto) são chamadas de mitos.

Nessas histórias, quase sempre há a referência a entidades sobrenaturais, como os deuses. Estes seriam como os senhores do tempo e da criação; seres grandiosos, eternos e indestrutíveis que teriam o poder de criar e de destruir tudo o que se percebe no Universo.

TEXTO E CONTEXTO

[...] Na falta de referências, os homens costumam usar como matéria-prima dos mitos o mundo real para responder essas perguntas transcendentais. [...] “Os mitos colocam o que é mais importante na cultura local com uma importância proporcional nos mitos de criação”, diz Rodrigues. Logo o sol e a água, essenciais para a produção agrícola e a sobrevivência, sempre ocuparam lugar de destaque na mitologia das civilizações antigas. Muitas histórias sobre a origem do mundo começam contando como esses recursos foram criados ou controlados pelo homem.

Segundo a mitologia iorubá, no início dos tempos havia dois mundos: Orum, espaço sagrado dos orixás, e Aiyê, que seria dos homens, feito apenas de caos e água. Por ordem de Olorum, o deus supremo, o orixá Oduduá veio à Terra trazendo uma cabaça com ingredientes especiais, entre eles a terra escura que jogaria sobre o oceano para garantir morada e sustento aos homens. Para a tradição religiosa chinesa, o caos inicial era como um ovo no qual entraram em equilíbrio os princípios opostos, yin e yang. Desse equilíbrio nasceu Pangu, gigante de cujo corpo se formou a água, a terra e o Sol.

• As sociedades em busca de suas origens

As sociedades se transformam ao longo do tempo e deixam marcas que permitem entender como se deu essa transformação. Essas mudanças podem ser observadas, como você já viu, por meio de fontes que permitem ao historiador construir e formular hipóteses e interpretações sobre o passado.

Porém, não é apenas o historiador que busca entender e atribuir significado aos eventos e fatos transcorridos. Os próprios membros das sociedades, do passado ou do presente, também buscam explicar a origem de suas comunidades. A tentativa de criar explicações para situar sua origem no tempo se manifesta por meio de narrativas que explicam como determinado grupo humano surgiu e se desenvolveu; e também como surgiu o mundo, as pessoas, os fenômenos da natureza. As narrativas que procuram explicar a origem das sociedades (situando-a num passado remoto) são chamadas de mitos.

Nessas histórias, quase sempre há a referência a entidades sobrenaturais, como os deuses. Estes seriam como os senhores do tempo e da criação; seres grandiosos, eternos e indestrutíveis que teriam o poder de criar e de destruir tudo o que se percebe no Universo.

TEXTO E CONTEXTO

[...] Na falta de referências, os homens costumam usar como matéria-prima dos mitos o mundo real para responder essas perguntas transcendentais. [...] “Os mitos colocam o que é mais importante na cultura local com uma importância proporcional nos mitos de criação”, diz Rodrigues. Logo o sol e a água, essenciais para a produção agrícola e a sobrevivência, sempre ocuparam lugar de destaque na mitologia das civilizações antigas. Muitas histórias sobre a origem do mundo começam contando como esses recursos foram criados ou controlados pelo homem.

Segundo a mitologia iorubá, no início dos tempos havia dois mundos: Orum, espaço sagrado dos orixás, e Aiyê, que seria dos homens, feito apenas de caos e água. Por ordem de Olorum, o deus supremo, o orixá Oduduá veio à Terra trazendo uma cabaça com ingredientes especiais, entre eles a terra escura que jogaria sobre o oceano para garantir morada e sustento aos homens. Para a tradição religiosa chinesa, o caos inicial era como um ovo no qual entraram em equilíbrio os princípios opostos, yin e yang. Desse equilíbrio nasceu Pangu, gigante de cujo corpo se formou a água, a terra e o Sol.

[...] A **cosmologia** do hinduísmo também explica, além da origem do mundo, sua organização social. Segundo os **Vedas**, 3 divindades são responsáveis pelos ciclos de criação e destruição do Universo: Brahma cria, Vishnu preserva e Shiva o destrói para que o ciclo recomece. Para criar o mundo e os humanos, Brahma fez dois deuses de si: Gayatri e Purusha, o homem cósmico de onde foram feitas todas as coisas. Mas, enquanto alguns homens nasceram da boca de Purusha, e se tornaram sacerdotes, outros nasceram dos pés, e se tornaram os escravos da sociedade indiana.

O exemplo da sociedade hindu é apenas mais um exemplo de como os mitos sobre a criação do Universo fazem bem mais que resolver questões existenciais ao estabelecer relações de poder e detalhar códigos de conduta. O que faz deles ferramentas importantes para a coesão social, como parte indispensável da cultura e da identidade de um povo.

ARAÚJO, Tarso. A criação do mundo. In: **Superinteressante**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religiao/criacao-mundo-447670.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2012.

GLOSSÁRIO

Cosmologia: ciência que estuda a origem, a estrutura e a evolução do Universo.

Vedas: nome que designa o conjunto dos quatro livros sagrados da religião bramânica.

Como você pôde ler no texto não há menção a datas nem lugares específicos nos mitos, e a preocupação central é explicar questões fundamentais da realidade, seja a estrutura social dos grupos, seja a existência de elementos primordiais para a sobrevivência destes, como o sol e a água. Em sociedades que se orientam por uma explicação mítica da realidade, é comum a existência de uma concepção cíclica de tempo.

PARA LER

MITOS INDÍGENAS

Autora: Betty Mindlin

Editora: Ática

Sinopse: o livro traz um apanhado de lendas e histórias de tribos da Amazônia que mostram um pouco da cultura indígena e da forma como esses grupos entendem o mundo ao seu redor.

Os grupos sociais têm explicações diversas para a origem do mundo e têm concepções diferentes sobre o tempo. Isso porque têm modos de pensar e de ser também diferentes. Além dos mitos, existem explicações científicas, mais recentes, sobre a origem do mundo.

A ciência: outro olhar sobre o início de tudo

A ciência procura demonstrar suas proposições com base em dados que possam ser observados e comprovados; busca compreender os fenômenos e construir respostas para as perguntas que eles continuamente provocam, mediante experiências, teorias, hipóteses e cálculos. Uma das teorias científicas mais aceitas sobre a origem do mundo é a do Big-Bang, ainda que vista com ressalva por alguns cientistas.

PARA SABER MAIS!

Leia, a seguir, uma teoria baseada em critérios científicos sobre como teria surgido o Universo.

Teoria da Grande Explosão (Big-Bang)

Há 15 bilhões de anos, o Universo não existia. Não havia o espaço e não havia o tempo. Apenas um ponto muito pequeno, que concentrava uma grande quantidade de energia.

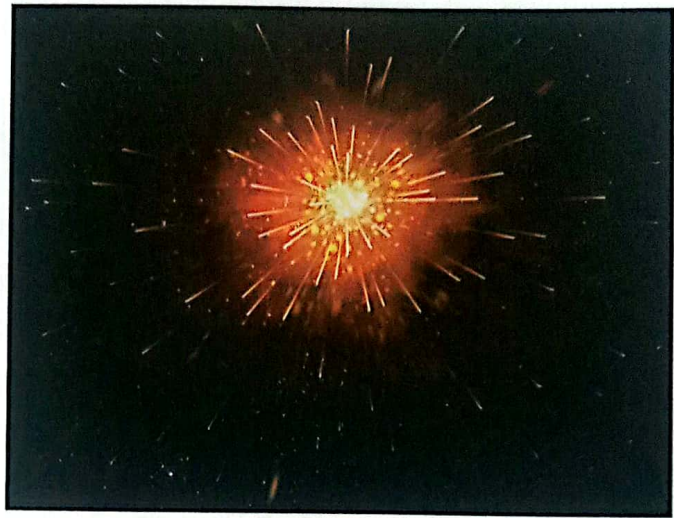
Há aproximadamente 13,7 bilhões de anos, numa fração de segundos, esse ponto explodiu e começou a se expandir cada vez mais numa velocidade muito superior à velocidade da luz (considerada, hoje, a velocidade mais rápida que existe). Desse processo de expansão, partes muito pequenas do que viria a ser a matéria começaram a se fundir, originando elementos fundamentais (os átomos) a partir dos quais surgiram espécies de nuvens de gás e poeira cósmica.

Nesse processo também surgiu a gravidade, uma força de atração da matéria. Dessas nuvens se formaram as primeiras estrelas e, com elas, as galáxias (conjuntos de estrelas). Entre essas galáxias, estava a Via Láctea, surgida de uma nuvem de gás.

Na Via Láctea há muitas estrelas. Entre elas, uma em especial, o Sol. Em decorrência do processo de expansão do Universo e da força da gravidade, ao redor do Sol passaram a gravitar pedaços de matéria com menos energia – os planetas (primeiro os rochosos, como a Terra; depois, os mais gasosos, como Júpiter).

Ao redor da Terra, formou-se uma camada de gases, uma primeira espécie de atmosfera, que, inicialmente, era muito quente. Entre 10 e 9 bilhões de anos atrás,

essa atmosfera primitiva começou a esfriar, gerando as condições para o surgimento e o desenvolvimento de substâncias orgânicas na Terra, e após estas surgiram os primeiros organismos vivos. No começo, viviam na água, eram muito pequenos e tinham uma estrutura biológica bastante simples. Com o desenvolvimento desses micro-organismos, surgiram formas de vida mais complexas, como as plantas, os animais e os seres humanos.



Raçonu, 2013. Digital.

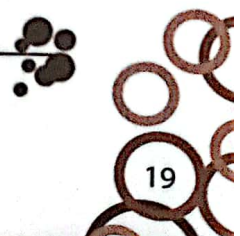
Representação de como pode ter sido o Big-Bang, a explosão inicial que, segundo alguns cientistas, teria originado o Universo há aproximadamente 13,7 bilhões de anos

1. Escreva as diferenças entre a explicação científica e a explicação mítica sobre a origem do Universo.

2. Como os mitos são transmitidos?

TEXTO E VIVÊNCIA

Você conhece outra narrativa sobre a origem do mundo? Troque ideias com os outros colegas ou pesquise a respeito na internet ou em livros. Com o que você descobriu, organize um grupo com seus colegas e dramatize um dos mitos pesquisados.



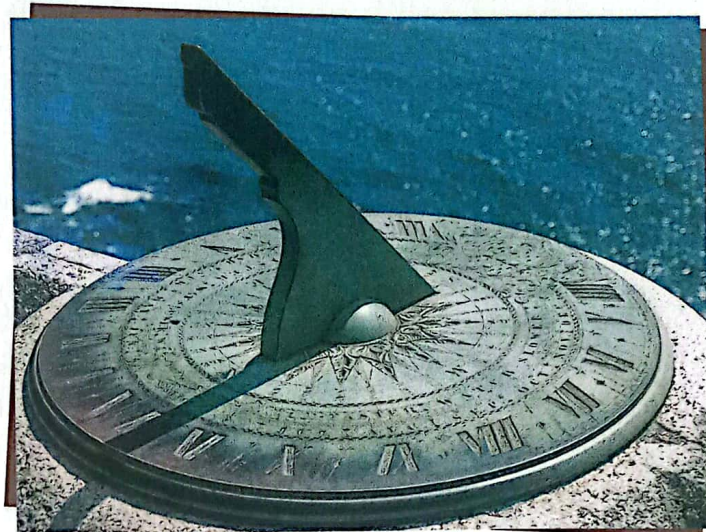
● As sociedades organizam suas formas de contar o tempo

Desde o passado, as sociedades procuram elaborar formas de medir e de contar o tempo, desenvolvendo registros que lhes permitem localizar, mais facilmente, os eventos ocorridos ao longo de sua trajetória.

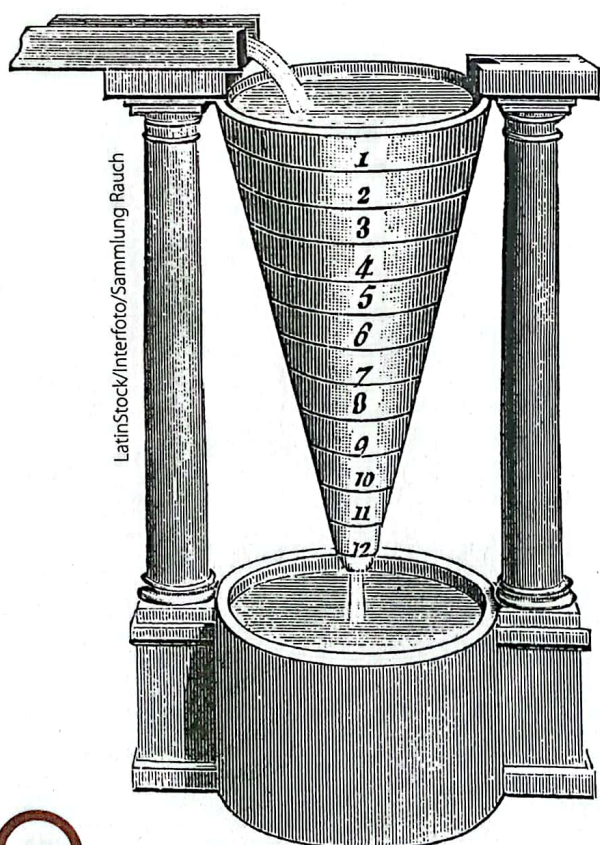
A separação em dia e noite está entre as primeiras divisões de tempo criadas pelas sociedades humanas. A observação da alternância do dia e da noite serviu de inspiração para a criação de relógios que mediam intervalos curtos de tempo.

Os primeiros relógios eram diferentes dos atuais. Os intervalos de tempo podiam ser medidos conforme a sombra projetada pelo Sol sobre uma vara de madeira fincada no chão, ou pelas gotas de água ou de areia que caíam de um recipiente para outro.

Para medir intervalos de tempo mais longos, algumas sociedades, como a egípcia, a maia, a asteca e a babilônica desenvolveram **calendários**, observando ciclos mais longos, como o ciclo das fases da Lua e das estações do ano.



Reprodução de um relógio de Sol antigo, que se baseava na posição do Sol e na projeção de seus raios para detectar a passagem do tempo



Como surgiu o nosso calendário?

Com a observação do ciclo lunar, essas sociedades passaram a organizar os dias em meses (um mês correspondia a um ciclo lunar) e, considerando o ciclo solar, passaram a ordenar os meses em anos.

Além de estabelecerem os ciclos com base nos quais o tempo passaria a ser calculado, foram definidos marcos com os quais os dias passariam a ser contados, relacionados a acontecimentos considerados muito importantes dentro das tradições a que pertenciam.

A clepsidra é um antigo relógio de água encontrado entre povos da Antiguidade, como gregos e egípcios

Assim como as sociedades são diferentes entre si, os marcos culturais para contar o tempo também variam de uma para outra. Nas sociedades ocidentais, adota-se o calendário cristão.

Esse calendário tem como marco escolhido para o início da contagem dos dias o nascimento de Jesus Cristo, ocorrido há mais de 2000 anos, na região da Judeia, no Oriente Médio. Jesus Cristo é considerado o filho de Deus para as sociedades influenciadas pela cultura cristã. A Judeia, na época, fazia parte do Império Romano.

A civilização egípcia, que se desenvolveu no nordeste da África, há mais de cinco mil anos, foi uma das que criou calendários na Antiguidade



LatinStock/ Interfoto/Klaus-Gerhard Dumrath

LatinStock/Album/akg-images/Cameraphoto. DI BONDONE, Giotto. Adoração dos magos. 1 afresco, Itália, [ca. 1300].



No afresco pintado entre 1302 e 1306 por Giotto di Bondone, os reis magos visitam Jesus Cristo. O nascimento de Cristo é o marco inicial do calendário ocidental, chamado, por isso, de cristão

O **cristianismo** se expandiu para além da Judeia e tornou-se a religião oficial do Império, que controlava territórios e populações da Europa, África e Ásia.

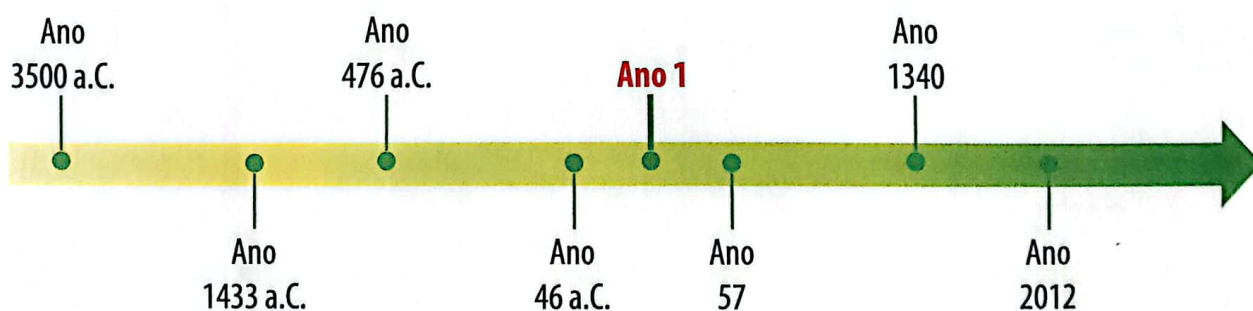
🔗 GLOSSÁRIO 🔗

Cristianismo: tradição religiosa que teve por base a doutrina influenciada pelas pregações de Jesus Cristo, líder religioso de origem judaica e que teria nascido no início do segundo milênio da nossa era.

No governo do imperador Júlio César (100-44 a.C.) houve uma adequação ao antigo calendário romano. Como os romanos dominavam várias regiões da Europa além de parte da África e Oriente Médio, o calendário romano-cristão passou a ser adotado por muitas sociedades, especialmente as situadas do lado oeste do globo, as chamadas sociedades ocidentais. Com o papa Gregório, no século XVI, houve outra adequação do calendário. Assim, as datas anteriores passaram a ser contadas das mais antigas às mais recentes para que a contagem do tempo antigo, de alguma forma, terminasse no nascimento de Cristo (quando o calendário foi zerado) e, depois, recomeçassem do ano um.

Desta forma, os fatos que tinham acontecido antes do nascimento de Cristo receberam a sigla a.C. (antes de Cristo).

Os anos anteriores ao nascimento de Cristo passaram a ser contados em ordem decrescente, isto é, das datas mais antigas para as mais recentes.



No Brasil, que foi colonizado por portugueses – influenciados pela cultura cristã –, vigora o calendário cristão. Mas isso não significa que não existam outras formas de compreender o tempo, aqui mesmo no nosso território, influenciadas pelas culturas de origem africana e indígena, e também por outras culturas, tais como os povos de origem e tradição judaica e islâmica.

O TEMPO HISTÓRICO: DIVIDIR PARA COMPREENDER

O tempo das sociedades e de suas ações sobre o espaço em que vivem é chamado de tempo histórico.

Para facilitar o estudo dos acontecimentos, os estudiosos dividiram os grandes períodos de tempo situados antes e depois do nascimento de Cristo em períodos menores: milênios (período correspondente a mil anos), séculos (período correspondente a cem anos) e décadas (período correspondente a dez anos). Entre os historiadores, o período de tempo mais utilizado é o século.

O primeiro século, segundo o calendário cristão, teria sido entre o nascimento de Cristo – ano I – e o ano 100. Este teria sido o século I depois de Cristo. O que significa que os anos compreendidos entre o ano I e o ano 100 pertencem ao século I. A partir do ano 101, teve início o século dois, que terminou no ano 200 e assim por diante.

Para detectar a que século uma data posterior ao ano 100 pertence, você pode usar algumas estratégias:

- Se o número for composto por até três algarismos, some 1 ao primeiro algarismo. O resultado da soma será o número do século ao qual pertence a data. Ex.: ano 476 ($4 + 1 = 5$) faz parte do século cinco (século V).
- Quando o número equivalente ao ano tiver quatro algarismos, basta somar 1 aos dois primeiros algarismos para ter o número equivalente ao século correspondente à data. Ex.: ano 1530 ($15 + 1 = 16$) faz parte do século dezesseis (século XVI).
- Em números com três algarismos terminados em 00, basta repetir o primeiro algarismo para saber a qual século pertence. Ex.: ano 900 faz parte do século nove (século IX).
- Em números com quatro algarismos terminados em 00, basta repetir os dois primeiros algarismos para saber a qual século pertence. Ex.: ano 1 700, século XVII.

Geralmente, os números indicativos dos séculos são escritos em algarismos romanos. Observe o quadro a seguir e conheça alguns dos principais algarismos romanos utilizados na composição dos séculos.

I - 1	II - 2	III - 3	IV - 4	V - 5
VI - 6	VII - 7	VIII - 8	IX - 9	X - 10
L - 50	C - 100	D - 500	M - 1000	

Os séculos correspondentes às datas anteriores ao nascimento de Cristo também são representados com algarismos romanos, porém, como visto, são calculados partindo de datas mais antigas para as mais recentes, em ordem decrescente. A sigla a.C. deve ser colocada junto ao século para indicar que se trata de data anterior ao nascimento de Cristo, como mostra o exemplo a seguir:

ANO 1433 a.C.	ANO 476 a.C.	ANO 46 a. C.	ANO 57	ANO 1340	ANO 2014
• Século XV a.C.	• Século V a.C.	• Século I a.C.	• Século I	• Século XIV	• Século XXI

• Os marcos da História Ocidental

Para facilitar ainda mais a localização dos eventos que marcaram a trajetória da tradição ocidental e cristã, os historiadores europeus estabeleceram marcos dividindo a história do Ocidente em algumas fases consideradas, por eles, mais importantes.

Ainda que essas fases não representem, necessariamente, os marcos considerados mais importantes na história do Brasil, é a partir delas que os eventos mundiais são organizados. Isso é o resultado da influência que a tradição ocidental exerce sobre o mundo.

No quadro abaixo, veja quais são essas fases.

PRÉ-HISTÓRIA	IDADE ANTIGA	IDADE MÉDIA	IDADE MODERNA	IDADE CONTEMPORÂNEA
<ul style="list-style-type: none"> • 2,5 milhões a 4 mil a.C. • Desde o aparecimento do <i>Homo habilis</i>, há 2,5 milhões de anos a.C., até o surgimento das primeiras civilizações, como o Egito e a Mesopotâmia, por volta do quarto milênio a.C. 	<ul style="list-style-type: none"> • 5 mil a.C. a 476. • Desde o surgimento das primeiras civilizações no quarto milênio a.C. até a queda do Império Romano, no século V. 	<ul style="list-style-type: none"> • 476 a 1453. • Desde a queda do Império Romano, no século V, até a tomada de Constantinopla (sede do Império Bizantino) pelos turcos em 1453. 	<ul style="list-style-type: none"> • 1453-1789. • Desde a tomada de Constantinopla, no século XV, até a eclosão da Revolução Francesa, em 1789. 	<ul style="list-style-type: none"> • 1789 aos dias de hoje. • Desde a eclosão da Revolução Francesa, no século XVIII, até os dias de hoje.

unidade

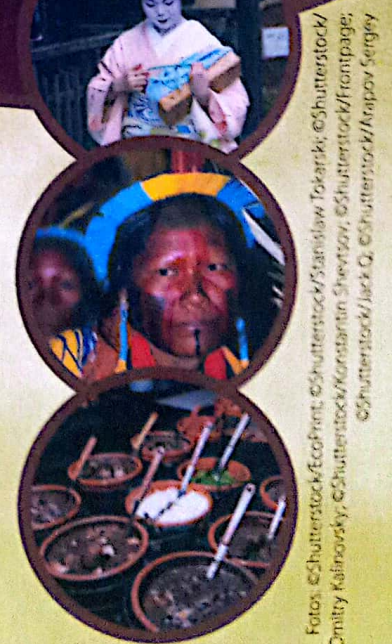
2

Cultura, diversidade e identidade nacional



Você já se deparou com expressões do tipo: "Tal pessoa tem muita cultura.", ou então, "Aquele povo não tem cultura."? Ou ainda: "Quero estudar bastante e, assim, adquirir mais cultura"?

Mas, afinal, o que o termo "cultura" significa? Todos os povos têm cultura? Como entender a questão da cultura no contexto da história da diversidade étnica que forma o povo brasileiro? Questões como essas serão debatidas e estudadas nesta unidade, vamos lá?



Fotos: ©Shutterstock/Stanislav Tokarski; ©Shutterstock/Dmitry Kalinovsky; ©Shutterstock/Konstantin Shevtsov; ©Shutterstock/Frontpage; ©Shutterstock/Jack Q; ©Shutterstock/Anatoly Sergey

BRASIL: A DIVERSIDADE COMO FATOR DE IDENTIDADE NACIONAL

•• O que é cultura?



©Shutterstock/Paul Prescott; ©Shutterstock/Paul Prescott; ©Shutterstock/Attila JANDI; tock/wdeon; ©Shutterstock/9photos; ©Shutterstock/saurabhphoyar

Você sabe responder à pergunta que abre este capítulo? Pense em todos os significados possíveis para a palavra "cultura" e registre-os abaixo. A seguir, leia para os colegas sua conclusão.

Observe a imagem acima com atenção. Você reconhece algumas dessas sociedades e suas culturas? Quais? Registre aqui sua resposta.

Embora o termo, às vezes, pareça difícil de definir, a cultura é um elemento que está muito presente em nosso dia a dia. Afinal, cada sociedade, em cada época e

lugar, organiza e compreende a sua vida de uma maneira específica. Ao entrar em contato com pessoas de outras nacionalidades ou viajar para outros países, as diferenças culturais entre os indivíduos ficam ainda mais evidentes: a forma de se vestir pode pedir mais atenção, um cumprimento pode ser tomado como ofensa. Você já viu situações como essas em algum lugar?

Isso acontece porque cada sociedade, de acordo com sua experiência e seu modo de vida, elabora diferentes estratégias e saberes, práticos e teóricos, para organizar sua vivência, que são únicos e específicos a cada grupo social. Assim, ao conjunto dos saberes construídos e repassados coletivamente por uma sociedade, a partir da experiência entre seus membros, destes com o meio e com outras sociedades em um determinado espaço e época, denomina-se cultura.

Cultura se relaciona, portanto, com o modo de ser e viver das sociedades. Tem a ver também com as formas pelas quais elas compreendem e dão sentido à sua existência, significando-a por meio de diferentes saberes – técnicas, crenças, tradições – e que se expressam por meio da linguagem oral, escrita ou pictórica.

Assim como a cultura atinge os indivíduos, estes também a afetam. Por isso, manifesta-se como uma relação dinâmica, desafiadora, permanente e contínua entre os indivíduos que compõem uma sociedade e, entre essa sociedade, o meio e a época em que vive.

•• A constituição da população brasileira

A língua, os costumes, as tradições e a **cosmovisão** são elementos que ajudam a caracterizar e a diferenciar as culturas. Às vezes, em uma mesma sociedade, existem elementos de diferentes culturas, originando um contexto marcado pela diversidade. Esse é o caso da sociedade brasileira, formada historicamente por **etnias** diferentes.

O Brasil tem sua história marcada pela diversidade cultural, um dos maiores patrimônios socioculturais do país



©Shutterstock/Psfatt; ©Shutterstock/HYPESTOCK; ©Shutterstock/ Warren Goldswain; ©Shutterstock/takayuki

🔗 GLOSSÁRIO 🔗

Cosmovisão: conjunto de argumentações criadas para explicar a origem do mundo.

Etnias: o termo tem origem no vocábulo grego *ethnos*, cujo significado é povo. Atualmente, etnia é o nome dado a um conjunto de indivíduos que acredita se diferenciar dos outros por partilhar elementos culturais e físicos em comum.

A rica diversidade cultural observada no Brasil constitui um elemento-chave no processo de compreensão da identidade nacional, que é formada pelos aspectos que caracterizam e definem uma população; é o processo pelo qual cada brasileiro se identifica com os demais. Por exemplo: cada brasileiro partilha com todos os outros alguns elementos em comum, como uma língua oficial (a língua portuguesa), a vida em um mesmo país, sob um mesmo governo, entre outros.

Ao mesmo tempo, essa identidade é composta por diversidades, pois, em nosso território, coexistem diferentes etnias, diferentes línguas, diferentes costumes.

TEXTO E VIVÊNCIA

No dia a dia, é possível perceber sinais dessa diversidade nos brasileiros. Eles vão desde aspectos físicos (diferentes tons de pele, tipos de cabelos, traços faciais) até culturais: diferentes crenças, sotaques, costumes. Pesquise e relate abaixo ao menos duas situações que comprovam a diversidade cultural na região/cidade em que você mora. Se quiser, use também imagens ou recortes de jornais e revistas.

PARA SABER MAIS!

Essa formação diversa pode ser percebida ao se observar os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao último censo demográfico, realizado em 2010. No caso, os brasileiros tinham como opção se declarar: brancos, negros, pardos, amarelos ou indígenas. No quadro a seguir, veja o que cada uma dessas designações significa.



@Shutterstock/leungchopan

Amarelos: brasileiros que apresentam traços de origem asiática (descendentes de chineses, japoneses, coreanos, entre outros).



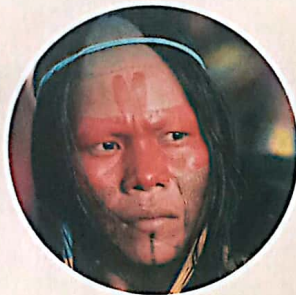
@Shutterstock/StockLite

Brancos: apresentam traços característicos de populações de origem europeia (descendentes de alemães, italianos, poloneses, entre outros).



@Shutterstock/Flashon Studio

Negros: descendentes de etnias de origem africana (descendentes de nagôs, congolenses, angolanos, entre outros).



Studio R/Rosa Gauditano

Indígenas: abrangem as etnias indígenas existentes no Brasil (ticunas, caingangues, guaranis, pataxós, ianomâmis, entre outros).



@Thinkstock/Ryan McVay

Pardos: brasileiros que apresentam características de negros e brancos.

1. Em que região do Brasil você mora?

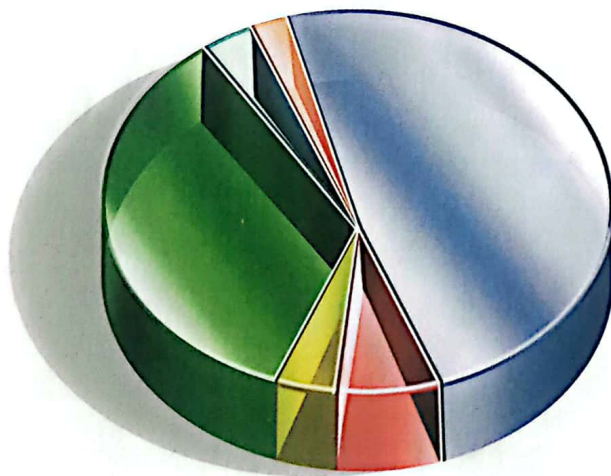
2. Com qual dos grupos acima você e sua família se identificam?

3. Qual o grupo predominante em sua sala de aula e em seu bairro? Você sabe explicar por que isso acontece?

4. Qual o menor grupo étnico existente em sua região?

Observe o gráfico. Ele mostra a distribuição da população brasileira segundo os critérios apontados, de acordo com os dados do censo de 2010.

População residente, por situação do domicílio e cor ou raça



Sem declaração
6.608

Branca
91.051.646

Preta
14.517.961

Amarelo
2.084.288

Parda
82.277.333

Indígena
817.963

DKO Estúdio, 2013, Digital.

Os dados do último censo do IBGE revelam o percentual dos diferentes grupos que compõem nosso território. A identidade brasileira pode ser compreendida pelas relações estabelecidas, historicamente, por esses diferentes grupos.

No Brasil, a história das populações indígenas e de origem africana se entrecruzou com o processo de expansão da colonização portuguesa para além do Oceano Atlântico. É sobre esses grupos que você vai estudar agora.

OS INDÍGENAS NO BRASIL

Segundo pesquisas feitas por arqueólogos, os vestígios mais antigos de ocupação indígena no Brasil podem ser anteriores a 9 mil anos a.C. Em 1500, quando os conquistadores portugueses começaram a chegar ao território que hoje é o Brasil, aproximadamente 5 milhões de índios já habitavam essa terra. Atualmente, segundo dados da **Funai**, existem aproximadamente 800 mil índios, distribuídos em mais de 680 sociedades indígenas.

GLOSSÁRIO

Funai: a Fundação Nacional do Índio é um órgão governamental criado em 1967 e que atua de modo a garantir o cumprimento dos direitos dos indígenas do Brasil.

Esse número considera somente os indígenas que vivem em aldeias, mas há também os que vivem fora de terras indígenas, em ambientes rurais ou urbanos. Segundo a Funai, esse número pode chegar a algo entre 100 e 190 mil pessoas, e há ainda os que vivem em comunidades isoladas, que não foram contatados pelos órgãos de proteção do governo.

REFLETIR E DEBATER

Com base nos números expostos acima, debata com seus colegas quais fatores explicam a drástica redução das populações indígenas no território brasileiro ao longo dos últimos 500 anos.

O que é ser indígena no Brasil?

Apesar de constituir 0,4% do total dos brasileiros, as populações indígenas manifestam uma rica diversidade de línguas e tradições. Mas você sabe o que é ser indígena? Que critérios definem uma pessoa ou um grupo como indígena?



Indígenas que vivem no território brasileiro atualmente. Representantes das seguintes etnias: xavante, yanomami, maxacali, guarani kaiowá e kayapó

A noção de identidade indígena e o conceito de pertencimento em relação a um determinado grupo é parte de um processo dinâmico que inclui, pelo menos, três critérios definidos pela Funai e que se baseiam na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1989, sobre Povos Indígenas e Tribais:

- Determinadas condições econômicas, culturais, sociais que distinguem um grupo como diferente de outros setores da coletividade nacional e que é regido por suas próprias tradições, lideranças e costumes, e/ou por uma legislação especial.
- Povos que descendem de populações que habitavam o país ou regiões que pertenciam às suas fronteiras na época do processo da conquista e colonização portuguesa.
- A consciência de pertencer a uma determinada identidade tribal ou indígena específica e o reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem.

REFLETIR E DEBATER

Como os indígenas brasileiros definem e caracterizam sua identidade? Leia os textos a seguir (um poema e uma entrevista) e saiba mais a respeito.

Texto 1

Ser índio é ser igual
E ser diferente.
Ser índio é ter coragem de lutar
e com a luta unir seu povo.
Ser índio é ter orgulho de sua identidade
e com ela fortalecer sua cultura.
Ser índio é tornar mais forte o seu povo
e reviver a sua inteligência.
Ser índio é não ter aquilo que não gosta
e ter aquilo que lhe pertence.
Ser índio é cuidar da mãe terra
e preservar a natureza.
Ser índio é ser amigo nos dias de sol
e de chuva.

Ser índio é ter consigo a liberdade
e fazer valer a sua capacidade.
Ser índio é viver em comunidade.
Ser índio é gostar da verdade.
Ser índio é lutar pela igualdade.
Ser índio é sorrir e chorar com os que amam
o próximo com ternura e sinceridade.

Esses pequenos versos eu dedico para todas as comunidades indígenas e, digo mais, parentes, nunca desistam de seus ideais, não deixem que pequenos obstáculos venham impedir uma luta que ultrapassa 500 anos de resistência.

PATAXÓ, David. **O que é ser índio**. Disponível em: <http://www.indiosonline.net/o_que_e_ser_indio/>. Acesso em: 9 set. 2012.

Texto 2

[...] Meu nome completo é Samuel Lopes, nascido no dia 26 de junho de 1962, na aldeia indígena Nossa Senhora de Nazaré, do Rio Marau, do município de Maués. [...]

Como que era essa região que o senhor nasceu?

R – Quando eu, há 20 anos, há 30 anos atrás – porque eu já tô com 44 agora – eu, quando eu tava com os oito anos tinha pouca aldeia, bem pouca mesmo. Tinha mais ou menos umas três comunidades. Na época a saúde do índio – a saúde e educação – era muito difícil ainda, né. Ninguém tinha médico, ninguém tinha um agente de saúde, comunicação, transporte; isso era difícil. E aí a gente tinha muita dificuldade mesmo prá ter melhor condição de educação e saúde mesmo. O que se usava mais era medicina caseira, sempre tinha o curador Pajé, sempre, que dava uma força assim, pro povo. Então era difícil, na minha infância porque não tinha aquele desenvolvimento [...] a única instituição que dava assistência mais um pouco era a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), a FUNAI que dava assistência, mas não dava prá atender mesmo assim, de acordo com as necessidades,

Das 1 300 línguas antes faladas no Brasil pela população nativa, restam pouco mais de 180. Elas foram agrupadas em 40 conjuntos ou famílias, que, por sua vez, foram organizadas em alguns grandes **troncos linguísticos** principais: tupi, macro-jê, aruak e karib.

GLOSSÁRIO

Tronco linguístico: matriz linguística mais antiga da qual, ao longo do tempo, foram se desenvolvendo famílias e, dentro destas, subfamílias linguísticas.

Há famílias linguísticas que não puderam ser classificadas em nenhum dos troncos conhecidos, e que podem ter se originado de troncos já extintos. Este é o caso das línguas das famílias pano, maku, guaikuru, katukina, ianomâmi, nambikwara, tukano, entre outras. O quadro a seguir apresenta algumas palavras e expressões usadas em nosso cotidiano e que têm origem na língua tupi. Em duplas, descubra o significado delas e preencha o quadro.

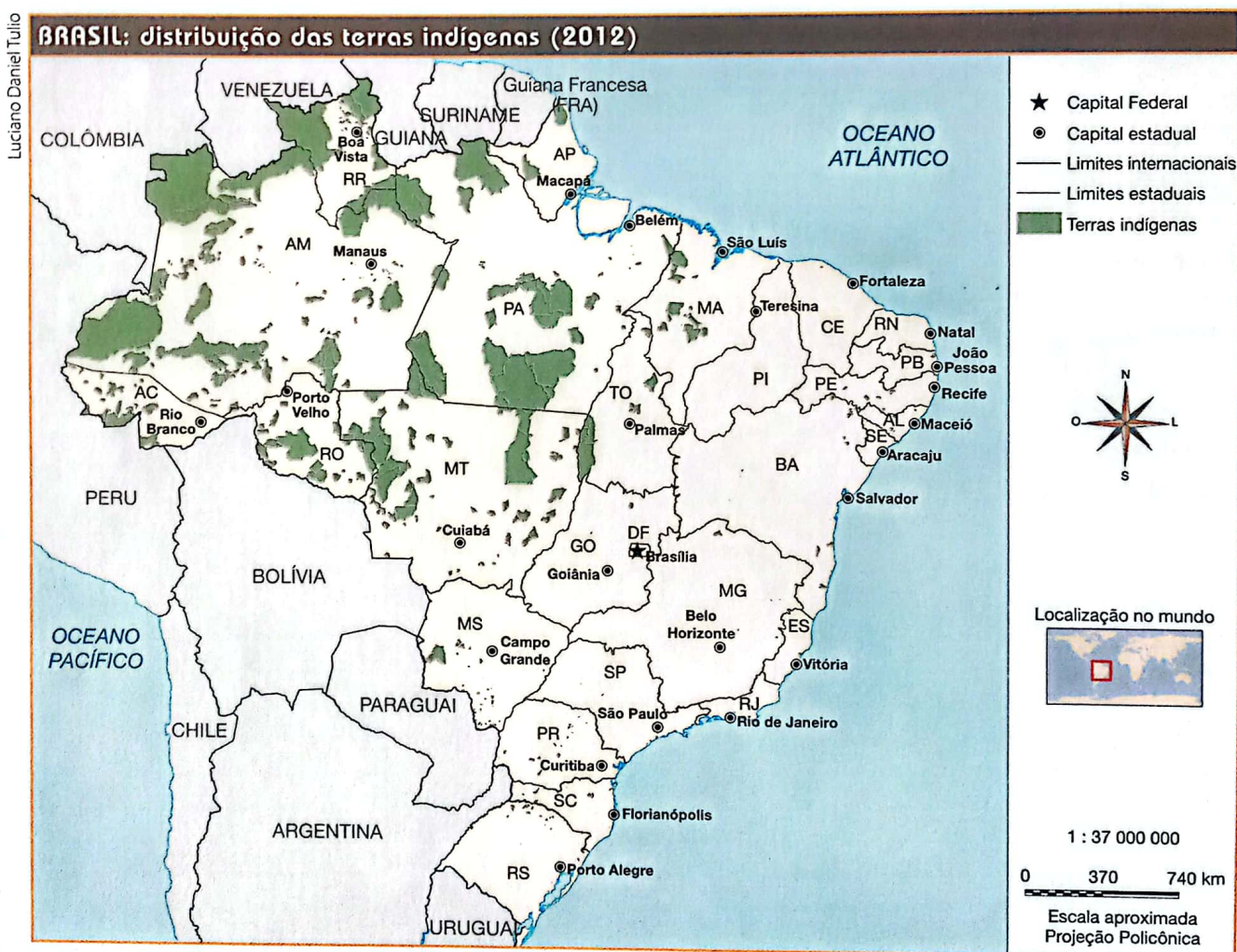
EXPRESSÕES DO NOSSO DIA A DIA	SEU SIGNIFICADO EM TUPI
Cair um toró	
Catapora	
Chorar as pitangas	
Cutucar	
Ficar com nhenhém	
Ibirapuera	
Ir para a cucuia	
Peteca	
Sapecar	
Socar	
Velha coroca	

ESTRELLA, Sylvia. **Quantas línguas indígenas se falam no Brasil?** Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/linguas-indigenas1.htm>>. Acesso em: 25 maio 2012.

A distribuição atual dos indígenas no território brasileiro

Desde o passado, muitos fatores têm contribuído para a diminuição da população indígena no território que, originariamente, era deles. Entre esses fatores, destacam-se o contato com doenças trazidas pelos colonizadores de origem europeia, o avanço dos não indígenas sobre as terras indígenas e os confrontos armados entre esses dois grupos. Esses confrontos tiveram início há 500 anos e persistem até os dias de hoje, embora com menor intensidade.

Uma das estratégias utilizadas pelas populações indígenas para assegurar sua sobrevivência foi o deslocamento no território brasileiro. Ou seja: enquanto o modo de vida dos grupos não indígenas foi avançando sobre o território brasileiro, populações indígenas foram se deslocando para regiões de matas e florestas preservadas, para, assim, manterem vivas suas formas de sobrevivência e sua cultura. Esse processo de deslocamento das populações indígenas pode ser melhor visualizado no mapa a seguir.



Fonte: Terras Indígenas do Brasil. FUNAI. Disponível em: <<http://mapas2.funai.gov.br/i3geo/interface/openlayers.htm?a0bbaac8ee2f7c048d4ea489378a0149>>. Acesso em: 29 set. 2012. Adaptação.

Agora, responda ao que se pede.

1. Em quais regiões brasileiras há a maior incidência de terras indígenas?

2. Em quais regiões brasileiras há a menor concentração de terras indígenas?

3. Em sua opinião, quais fatores – econômicos e históricos – explicam essa distribuição?

4. Pesquise e descubra quais grupos indígenas habitam a região em que você vive. Escolha um deles e procure saber mais sobre o modo de vida desse grupo: como vivem, como organizam os afazeres, como se dá a educação das crianças, quais os ritos e festividades mais importantes.

PARA SABER MAIS!

As lutas dos indígenas por seus direitos nunca deixaram de existir no Brasil, e têm resultado na aprovação de instrumentos legais que garantem suas conquistas. Atualmente, uma dessas lutas é pela maior participação e envolvimento dos indígenas nas discussões sobre o **Estatuto dos Povos Indígenas** (Projeto de Lei 2057/91).

Elaborado em 1991, o texto – que ainda não foi aprovado pela Câmara dos Deputados do Congresso Nacional – apresenta pontos ainda vistos como controversos pelas lideranças indígenas. Essas lideranças têm pressionado as autoridades para que o texto, que já tem mais de 20 anos, seja atualizado antes da aprovação, considerando as demandas atuais das comunidades indígenas, seus interesses e suas necessidades. Para saber mais, consulte a versão de 2009 do texto do **Estatuto dos Povos Indígenas** no site da Funai: <http://www.funai.gov.br/ultimas/CNPI/estatuto_indio/Estatuto_Povos_Indigenas-Proposta_CNPI-2009.pdf>.

ÁFRICA NO BRASIL: DIVERSIDADE NA ADVERSIDADE



O Brasil revela uma grande diversidade cultural. Entre os grupos que manifestam essa diversidade, estão os afrodescendentes. Há muito mais da África no Brasil do que você possa imaginar

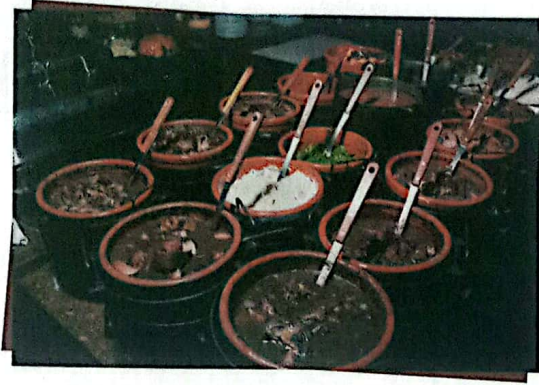
Pulsar Imagens/Cynthia Brito; ©iStockphoto.com/Liclar; Pulsar Imagens/Delfim Martins; ©Wikipedia Commons/Elingunnur; © Shutterstock/Vinicius Tupinamba

Feijoada, vatapá, caruru, acarajé, cocada, bala de coco. Você sabe o que esses pratos têm em comum? Além do fato de serem verdadeiras delícias, todos têm origem na cultura afro-brasileira, ou seja: todos representam a influência que as etnias de origem africana exerceram e exercem na culinária.

Mas essa influência vai muito além da mesa. A história da relação entre Brasil e África teve início há mais de 400 anos, quando portugueses começaram a trazer indivíduos de origem africana para trabalhar como escravizados em grandes lavouras no Nordeste e, mais tarde, no Sudeste.

Aqui, esses indivíduos foram separados de suas famílias, obrigados a se batizar como católicos e a não praticar seus cultos de origem. No entanto, em algumas regiões do Brasil, os africanos incorporaram santos e ritos católicos às suas crenças, deuses e ritos originando religiões novas, chamadas de afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé. É possível afirmar, assim, que a África faz parte da história e da cultura brasileira, como você vai perceber nas próximas páginas.

• A influência banto



Pulsar Imagens/Juca Martins



Ciharimagem/Manuel Lourenço

Feijoada (à esquerda), vatapá, caruru, acarajé (à direita) e, de sobremesa, baba de moça: no dia a dia, são utilizadas muitas palavras originadas em línguas faladas na África na época da colonização portuguesa e atualmente

No Brasil, a língua oficial é o português. Isso porque os portugueses ocuparam o território brasileiro e fizeram dele sua colônia, entre 1500 e 1822. O governo português determinou a língua que deveria ser falada no Brasil, mas o português que se fala aqui não é o mesmo que se fala em Portugal, pois é composto da mistura de vocábulos, palavras e expressões vindos de línguas com origens diferentes. Entre essas línguas, destacam-se as de origem indígena e africana, e entre as línguas de origem africana, uma exerceu especial influência na constituição do vocabulário do brasileiro: o banto.

A partir de 1530, com o início do processo de colonização do Brasil, os portugueses trouxeram para cá muitos trabalhadores de origem africana, que aqui eram empregados em toda a espécie de serviço como escravizados. Muitos desses africanos vinham de regiões, como Angola, em que se falavam línguas aparentadas do **tronco linguístico banto**.

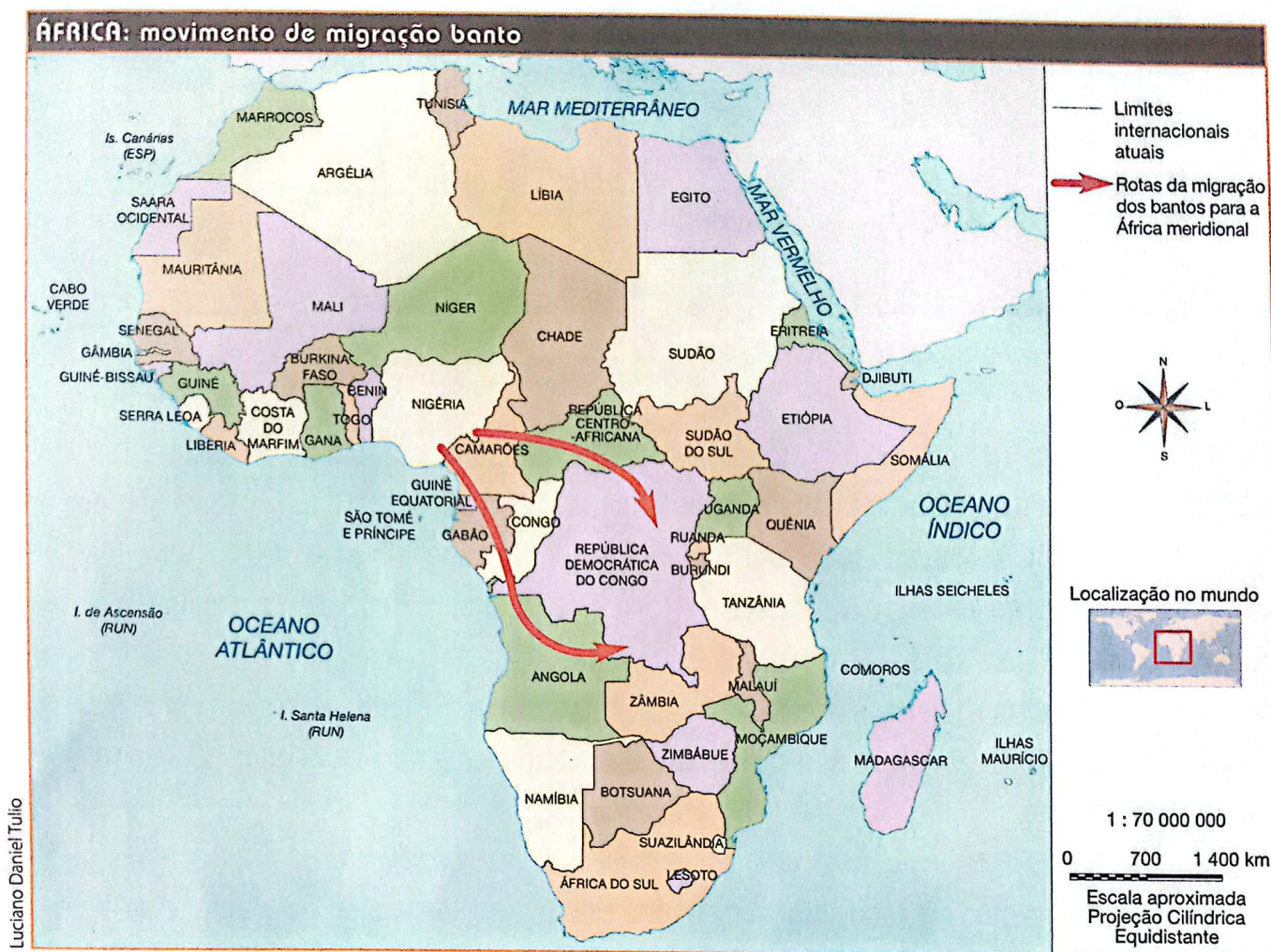
🌀 GLOSSÁRIO 🌀

Tronco linguístico banto: raiz de várias línguas faladas na África. No idioma original, a palavra *bantu* é o plural de *muntu* (homem) e significa povo ou homens.

Entre os africanos trazidos para o Brasil por traficantes portugueses, existiam diferentes etnias, a maioria vinda da África Ocidental e do Centro Ocidental, entre elas: angolas, congos, benguelas, monjolos, cabindas, rebolos e moçambiques.

Estudiosos franceses que estiveram no Brasil entre 1810 e 1825 observaram que, apesar de virem de regiões distantes, africanos de diferentes etnias conseguiam conversar entre si. A explicação? As línguas que falavam eram todas de uma mesma origem: o tronco banto.

Veja, no mapa, o processo de expansão desse tronco linguístico no continente africano.



Fonte: HISTÓRIA geral da África, III: África do século VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010. p 173. Adaptação.

As tradições linguísticas dos africanos que falavam línguas aparentadas do banto – especialmente daqueles vindos de Angola – foram incorporadas ao tipo de língua atualmente falada no Brasil: banzo, que quer dizer tristeza; candeia, que significa lamparina; catinga, mau cheiro; denço, que no Brasil é usado no sentido de carinho (em Angola quer dizer pequeno) e mandinga, que é feitiço (em Angola quer dizer mau humor ou ira).

• A influência iorubá

Entre as etnias africanas que vieram para o Brasil, estão os iorubás, reinos originários da região da Nigéria (entre os rios Niger e Benuí), ligados pela língua, história, geografia e pela religião. Os reinos iorubás mantiveram-se fortes até meados do século XVII, tendo como principal causa de sua decadência a chegada dos portugueses, que passaram a explorar suas populações fazendo de seus habitantes escravizados

para trabalhar nas grandes fazendas de cana-de-açúcar que os lusitanos passaram a estabelecer no Brasil. Traços essenciais da cultura iorubana resistiram à escravidão, à colonização e à imposição do catolicismo como religião oficial do Brasil, nos tempos em que foi Colônia de Portugal.

É nas manifestações religiosas atuais, de origem afro, que se pode perceber alguns aspectos originais da cultura iorubá, embora, devido ao contato com o cristianismo, esses elementos tenham se modificado um pouco, até mesmo para poderem sobreviver.

Os africanos eram, muitas vezes, proibidos de fazer seus cultos originais e, por isso, tinham de substituir entidades de origem africana por entidades aceitas pela cultura cristã (que os portugueses impuseram aos índios e africanos no Brasil).



© Pinacoteca do Estado de São Paulo.
Fonte: Negro de Corpo de Alma, Catálogo da Mostra do Redescobrimento

É desse modo que surgiram religiões brasileiras, de matriz africana, nas quais santos, originariamente católicos, apresentam características e simbolismo relacionados a entidades iorubás.

O candomblé é uma religião de origem iorubana. Existe no Brasil desde que aqui chegaram os primeiros africanos provenientes de onde hoje é a Nigéria. O culto às suas entidades é realizado por pessoas iniciadas em locais chamados terreiros.

Nesses cultos, são invocados e celebrados os orixás, entidades que ajudaram *Olorum* (o Deus Supremo) a criar o Universo; eles estão relacionados aos domínios de *Olorum* sobre o Universo e às forças da natureza. Na cultura iorubana original, eram muitos os orixás, mas, na maioria dos terreiros de candomblé espalhados pelo Brasil, é cultuada apenas uma parte deles.

A configuração espacial de terreiros de candomblé na Bahia, na atualidade, manifesta aspectos da influência da cultura religiosa de origem iorubá, como mostra o texto a seguir:

Os candomblés mais antigos e tradicionais estão instalados em grandes terrenos, denominados 'roças' ou 'terreiros', e [...] constituem comunidades de culto com características especiais. [...] Parte dos membros habita o próprio terreiro ou seus arredores e parte reside na cidade ou mesmo fora dela, permanecendo na casa apenas para as obrigações anuais. Assim, nos terreiros, além das edificações religiosas, se encontram algumas habitações tanto de caráter permanente como temporário. Em alguns casos o aglomerado dessas pequenas construções remete aos *compounds* nigerianos, conjunto de pequenas casas ou apartamentos separados por meias paredes e voltados para uma espécie de pátio comum. [...]

O modelo espacial básico de terreiro jeje-nagô apresenta duas áreas muito distintas, delimitadas e interrelacionadas: onde estão construídas as edificações de uso religioso e habitacional, e outra, mais intocada e selvagem, reservada ao 'mato' – área verde que simboliza a floresta ancestral, onde existem árvores sagradas, plantas ligadas à flora ritual, fontes e alguns 'assentamentos' de divindades. Na área edificada, [...] estão localizados a casa principal do culto, o espaço onde as cerimônias públicas são realizadas, as habitações permanentes e temporárias e os 'ilê orixá' ou 'casas de santo'. Estas são pequenos santuários consagrados a um orixá, ou, mais raramente, a grupos de orixás que podem ser cultuados em conjunto. São dedicados às divindades que, por suas características, não podem ser cultuadas com aquelas que estão no templo principal e estão vinculadas a vários cultos originariamente dispersos no território africano. A localização desses santuários no espaço do terreiro busca reproduzir [...] o espaço geográfico da 'África Mística' no Brasil.

SANT'ANNA, Márcia. **Escravidão no Brasil**: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros. IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 2 jan. 2013.

PARA PESQUISAR

Ainda há muito preconceito em relação às pessoas que frequentam terreiros e acreditam nos orixás, pois essa prática foi estigmatizada perante a religião oficial do Brasil. Pesquise mais sobre esse universo e descubra o que o candomblé tem em comum com a religião católica (ou como elas se aproximam) e como funciona um terreiro. Troque suas descobertas e impressões com os colegas.

Você pode consultar (entre outras fontes):

CAMPOLIM, Sílvia. Candomblé no Brasil: orixás, tradições, festas e costumes. In: **Superinteressante**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religiao/candomble-brasil-orixas-tradicoes-festas-costumes-441075.shtml>>. Acesso em: 27 set. 2012.

De onde veio... o candomblé. In: **História Viva** (material multimídia). Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/multimidia/de_onde_veio_o_candomble.html>. Acesso em: 27 set. 2012.

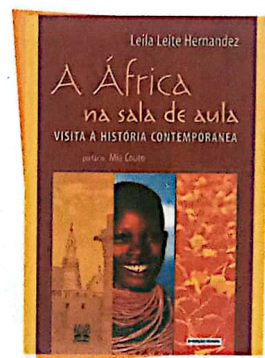
PARA LER

A ÁFRICA NA SALA DE AULA: VISITA À HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Autor: Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez

Editora: Selo Negro

Sinopse: O livro reúne aulas de história da África ministradas pela autora na PUC-SP entre 1998 e 2003. Obra de leitura importante para que se compreenda os problemas da África Contemporânea, além de excelente fonte de pesquisa.



SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO: HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO: HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA

Autores: João Alves Tiradentes e Denise Rampazzo da Silva

Editora: Direção Cultural

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS: A CRIAÇÃO DO MUNDO.

Autor: Reginaldo Prandi

Editora: Companhia das Letras

Sinopse: Trata-se de uma importante fonte para se conhecer como elementos da cosmovisão de povos africanos encontram-se presentes em lendas afro-brasileiras.

PARA ASSISTIR

ATLÂNTICO NEGRO – NA ROTA DOS ORIXÁS

Gênero: Documentário

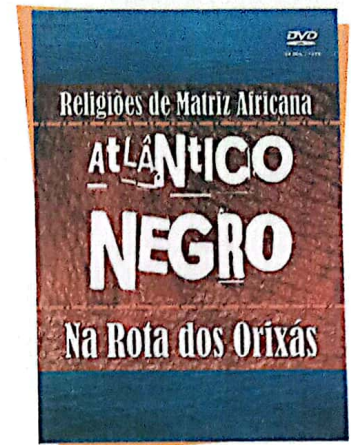
Duração: 54 min

Ano de lançamento: 1998

Direção: Renato Barbieri

País: Brasil

Sinopse: Documentário que realiza uma viagem no espaço e no tempo em busca das origens africanas da cultura brasileira. Historiadores, antropólogos e sacerdotes africanos e brasileiros relatam fatos históricos e dados surpreendentes sobre as inúmeras afinidades culturais que unem os dois lados do Atlântico. Visão atual do Benin, berço da cultura iorubá. Filmado no Benin, no Maranhão e na Bahia.



PARA SABER MAIS!

Deuses africanos

Exu – é o mensageiro entre os homens e os orixás e transportador das oferendas. Controla as forças que agem sobre a nossa realidade. Exu também é homenageado às sextas-feiras.

Ogum – forte e corajoso, é conhecido como orixá da guerra e do fogo. Criou o ferro, a tecnologia e a metalurgia. Por isso, é padroeiro de todos os que manejam ferramentas. Seu símbolo é a espada.

Xangô – senhor dos raios e dos trovões. Durante sua vida na Terra foi rei de Oyó, uma das principais cidades de língua iorubá. Por esse motivo, quando seus filhos o incorporam usam uma coroa.

Oxossi – orixá da mata e caçador, garante o alimento de todos os outros deuses. É considerado o guardião da agricultura e da natureza. É umas das divindades mais populares do candomblé.

Oxalá – separou o mundo material do espiritual. Muito respeitado, tanto pelos devotos humanos quanto pelos demais orixás, ajudou Olodumaré a criar o homem e o princípio da vida.

Oxum – é a senhora das águas doces, dos lagos e das cachoeiras.

DEUSES AFRICANOS. **Revista Super Interessante**. São Paulo: maio de 2006. Seção Pôster. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2006/conteudo_433075.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2013. Fragmento.